

Prefácio

Ezequiel heodoro da Silva

Como citar: SILVA, H.E. Prefácio. *In:* MORTATTI, L. R. M ; FRADE, S. A. C. I. **Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Editora Unesp, 2014.352p.
DOI:<https://doi.org/10.36311/2014.978-85-393-0539-1.p7-11>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

A alfabetização é uma ponte que leva da miséria à esperança. É uma ferramenta para vida diária na sociedade moderna. É um baluarte contra a pobreza, e um bloco de construção do desenvolvimento, um complemento essencial para investimentos em estradas, barragens, clínicas e fábricas. A alfabetização é uma plataforma para a democratização, e um veículo para a promoção da identidade cultural e nacional. Especialmente para as meninas e as mulheres, é um agente de saúde da família e de nutrição. Para todos, em toda parte, a alfabetização é, juntamente com a educação, um direito humano básico... A alfabetização é, finalmente, o caminho para o progresso humano e um meio através do qual cada homem, mulher e criança pode realizar o seu potencial. (Kofi Annan, UNESCO).

Muitos pensadores, através dos tempos e em quase todas as partes do mundo, já enalteciram a imensa importância da alfabetização para a construção de experiências nas sociedades letradas. E, dentro desses enaltecimentos, se faz sempre presente a ideia de que esse complexo processo soma valor e poder ao homem e faz uma diferença positiva em comparação com o estágio anterior ao do letramento, o do analfabetismo.

Nascemos falantes e, pela oralidade, aprendemos a “ler-entender” de ouvido as palavras, ao longo da nossa primeira infância. Depois, em momento que geralmente se inicia no primeiro ano do ensino fundamental, somos então levados, pela alfabetização, pela leitura através dos olhos, a adentrar o universo da escrita, alargando assim o alcance e o poder de comunicação bem como a nossa compreensão do mundo.

Se, na leitura de ouvido, o entendimento da linguagem se faz de maneira “natural”, como que por osmose nas interações sociais via oralidade, na leitura de palavras (manuscritas, impressas ou digitais) pelos olhos, o entendimento resulta do ensino e da aprendizagem da linguagem escrita. Essa passagem do *ouvinte para leitor*, ainda que simples de descrever, é extremamente complexa, apresentando desafios oriundos de múltiplas áreas:

da política e filosofia à psicologia e pedagogia, passando pela linguística e pela didática.

A complexidade do processo de alfabetização promove, na linha da história, não apenas a construção de vários métodos que visaram ou visam ao adentramento dos indivíduos (crianças, jovens e adultos) no universo da escrita, mas também a formação de professores que possam fazer frente àquela complexidade, pela síntese de conhecimentos oriundos de diferentes áreas. Além disso, a alfabetização aumenta o seu leque de aplicações através do acelerado advento de inovações tecnológicas oriundas da revolução digital – aos tradicionais modos de leitura somam-se outros, exigindo uma constante reformulação de condutas pedagógicas, a instalação de aparatos condizentes e a inserção de novos conteúdos curriculares nas escolas.

Como contraponto ao analfabetismo, a alfabetização é também uma marca de desenvolvimento dos países, conforme sinaliza Koffi Annan, na epígrafe deste Prefácio. A expressão “chaga do analfabetismo” aponta para aquelas sociedades que não conseguiram democratizar o acesso às escritas, via educação e alfabetização. No Brasil, por exemplo, 13 milhões de pessoas (8,7% da população total com 15 anos ou mais de idade) ainda e tão somente se comunicam pelos caminhos da oralidade, incapazes que são de atribuir sentido às diferentes configurações da escrita. E desta vergonha brasileira resulta uma outra vergonha talvez maior, ou seja, a exponencial quantidade de analfabetos funcionais, esparramada por todas as regiões do país.

Um dos trechos mais bonitos sobre a primeira experiência do ser alfabetizado, quando a pessoa descobre que é capaz de interagir com a escrita, interpretando e dando-lhe sentido, é relatado por Marshall McLuhan, na obra *A Galáxia de Gutenberg* – a formação do homem tipográfico (São Paulo: Cia Editora Nacional e Edusp, 1972). Eis o trecho, na voz de um aborígene australiano que trabalhava na casa de um padre letrado:

Na casa do Padre Perry, o único lugar ocupado era o das estantes de livros. Gradativamente cheguei a compreender que as marcas sobre as páginas eram palavras na armadilha. Qualquer um podia decifrar os símbolos e soltar as palavras aprisionadas, falando-as. A tinta de impressão enjaulava os pensamentos; eles não podiam fugir, assim como um animal não pode fugir da armadilha. Quando me dei conta do que realmente isto significava, assaltou-me a mesma sensação e o mesmo espanto que tive quando vi pela primeira vez as luzes brilhantes da

cidade do Cairo. **Estremeci, com a intensidade de meu desejo de aprender a fazer eu mesmo aquela coisa maravilhosa.** (McLUHAN, 1972, p.52, grifos meus).

Não são muitos os que se lembram do momento exato em que conseguiram dar sentido às palavras escritas – o exato instante em que, uma vez alfabetizados, “aprenderam a fazer aquela coisa maravilhosa”. O salto do mundo da oralidade para o mundo da escrita, o salto do universo da oralidade para o universo dos símbolos codificados, “desenjaulando as palavras aprisionadas”. Mas, se fôssemos capazes de trazer aquele instante do passado para o presente, certamente nos sentiríamos iguais ao aborígene citado por McLuhan, “fazendo aquela coisa maravilhosa”, lendo e pondo em prática mais uma capacidade de comunicação.

O presente livro, organizado Maria do Rosário Longo Mortatti e Isabel Cristina Alves da Silva Frade, tematiza essa “coisa maravilhosa” chamada alfabetização, a partir das reflexões apresentadas no I Congresso Brasileiro de Alfabetização (Belo Horizonte, UFMG, 2013). O evento foi organizado pela Associação Brasileira de Alfabetização (ABAlf) e reuniu os principais pensadores brasileiros dessa matéria. O título do livro – *Alfabetização e seus sentidos: o que sabemos, fazemos e queremos?* – nasceu do próprio temário do Congresso e aponta para os diferentes cenários contemplados durante o evento.

As dezesseis reflexões contidas nesta coletânea perfazem, sem sombra de dúvidas, aquilo que há de mais representativo no Brasil, em termos de estudos epistemológicos sobre a alfabetização. Pensadores atuais que retomam as formulações de outros pensadores, a fim de produzir novas sínteses que se ajustem às necessidades do momento presente. Estudiosos que se debruçam sobre as relações entre a Educação de Jovens e Adultos e a alfabetização, com o intuito de cobrir as lacunas ali ainda presentes. Revisores da literatura científica, apontando as respostas que temos e as que não temos. Professoras alfabetizadoras que revelam os meandros de suas práticas em sala de aula. Analistas de políticas públicas voltadas para a alfabetização. São estas algumas das principais vertentes discutidas pelo coletivo de autores desta obra; sem dúvida que, para o leitor, o resultado da sua incursão de leitura será uma compreensão crítica da problemática bem

como a aquisição de conhecimentos para o encaminhamento do processo em diferentes contextos educacionais.

Nunca é demais lembrar que as coisas maravilhosas são também – e ao mesmo tempo – misteriosas. Venho estudando o ato de ler por mais de 40 anos. Ao longo dessa caminhada, me assusto às vezes com o caráter enigmático, quase impenetrável e incompreensível de alguma faceta do meu predileto objeto de estudo. Tais sustos atizam a minha curiosidade, fazendo com que eu me movimente em várias direções, na busca de outros olhares que tenham talvez focado as facetas ainda não desvendadas, ainda não muito transparentes para mim. Tenho a certeza de que essa mesma sensação é sentida e pressentida por aqueles que têm na alfabetização o seu principal interesse de investigação e aprofundamento – daí a minha certeza de que este livro pode vir a fornecer os contornos de uma maravilha humana (aprender a ler) e, ao mesmo tempo, abrir flancos para a reiteração dos mistérios do ato de alfabetizar, do ato de conduzir pessoas ao manejo e entendimento da escrita.

Sempre tive comigo que a leitura integral de um livro é, antes de tudo, uma forma de qualificar as nossas decisões e ações em sociedade. Os desafios do campo da alfabetização e, paralelamente, os reiterados fracassos no seu ensino estão a mostrar que precisamos ler bem e ler mais sobre o assunto, de modo que os problemas não se eternizem nas escolas. Este livro, se lido com o devido carinho no horizonte do “saber bem”, poderá se transformar numa importante alavanca para a transformação, para melhor, das práticas de alfabetização no Brasil. Afinal, não é este o nosso sonho? Não é isto o que queremos?

Ezequiel Theodoro da Silva
Campinas, Unicamp, janeiro de 2014.